Quando alfabetizamos?

Felicia Jennings-Winterle

A leitura de mundo precede a leitura da palavra.
Paulo Freire

Já sabemos que a **leitura de mundo**, quer dizer as inúmeras experiências concretas sobre o objeto, sobre o ambiente e sobre as pessoas que nele habitam (Freire, 2009), dá se por meio do corpo que, por sua vez, é o **primeiro objeto concreto manipulável, fonte de uma percepção fundamental** à disposição do indivíduo. Por meio de uma **conscientização** cada vez mais especializada, o corpo passa de investigador à comunicador, tornando-se um meio de **expressão** daquilo que o indivíduo quer fazer, sabe fazer e pode fazer. Conforme aumenta sua consciência corporal, o movimento – a ação – demonstra a unidade do sujeito de forma cada vez mais harmônica e integral, demonstrando globalidade e interdependência entre corpo, mente e intenção. Assim a experiência oferece subsídios para a **prontidão** necessária ao processo de alfabetização, a **leitura da palavra** (Freire, 2009).

A cada conquista, seja do desenvolvimento motor, seja do cognitivo, o aprendiz passa de uma fase menos para outra mais complexa. Essa passagem caracteriza-se pela superação de um **conflito** que, por sua vez, é inerente à existência dos diferentes níveis de especialização.

Na realidade, segundo Esther Pillar Grossi (2010), a passagem de um nível para o outro no processo de alfabetização origina-se da tomada de consciência do indivíduo da insuficiência de uma ou outra de suas hipóteses até então formuladas para explicar a leitura e a escrita. O que quer dizer que: o avanço só se dá porque "se esbarra num obstáculo" (p. 63).

Grossi (2008) define portanto três estágios decisivos durante o que ela considera a aquisição da linguagem escrita:

> o estágio pré-silábico, em que a criança ainda não estabelece uma relação necessária entre a linguagem falada e as diferentes formas de representação, acreditando que 'se escreve com desenhos' (tese da escrita figurativa); o estágio silábico, em que as incoerências com as hipóteses do estágio anterior são percebidas, surgindo uma nova teoria – a de que para cada sílaba é necessário ter pelo menos uma letra (em geral, uma vogal); e, finalmente, o estágio alfabético, em que a hipótese anterior é novamente reformulada, surgindo agora a hipótese coerente de uma correspondência relativa entre fonema e letra (p. 36).

Especificamente ao período inicial, Grossi (2008) define que

> há dois níveis pré-silábicos, denominados PS1 – pré-silábico 1 – PS2 – pré-silábico 2. Isto porque o início da alfabetização tem dois patamares bem nítidos – um, no qual os sujeitos julgam que se escreve com desenhos, isto é, a grafia deve conter os traços figurativos daquilo que se escreve – e outro, no qual se usam sinais gráficos, abandonando-se no traçado aspectos figurativos do que se quer escrever. Porém, estes aspectos figurativos permanecem indiretamente pesentes no nível PS2, na medida em que o sujeito, ao escrever com letras, números ou assemelhados, condiciona a quantidade deles, o seu tamanho, a sua posição (…) a características figurais do ente cuja palavra que lhe está associada é escrita (p. 41).

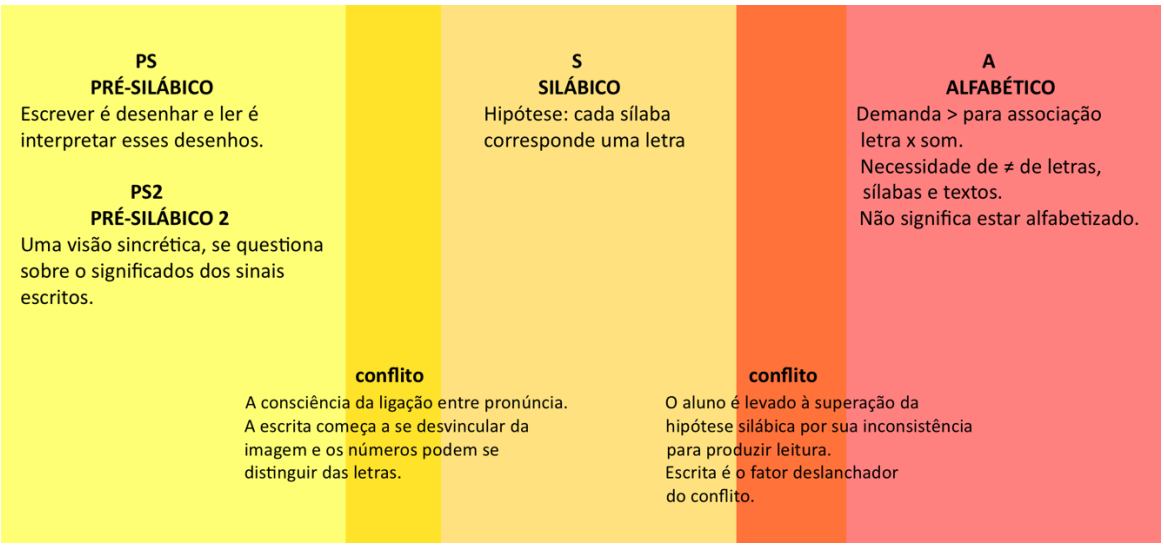
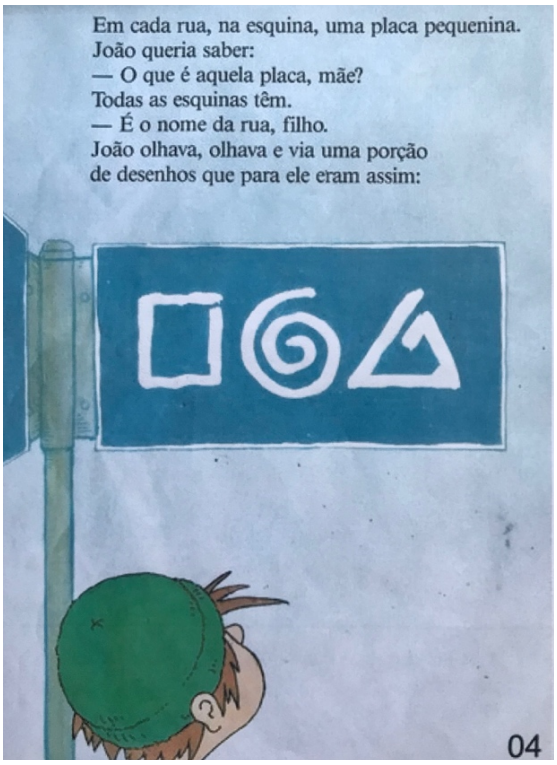
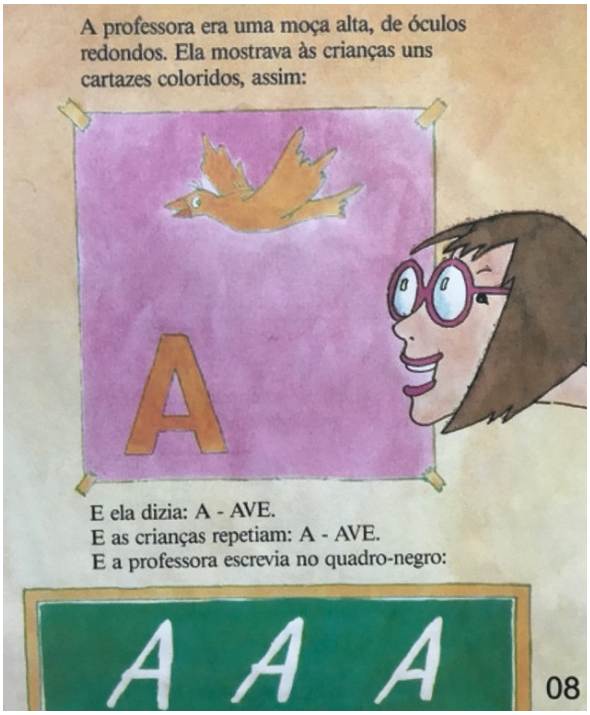


Figura 1. Resumo das fases da alfabetização de acordo com Grossi (2008).

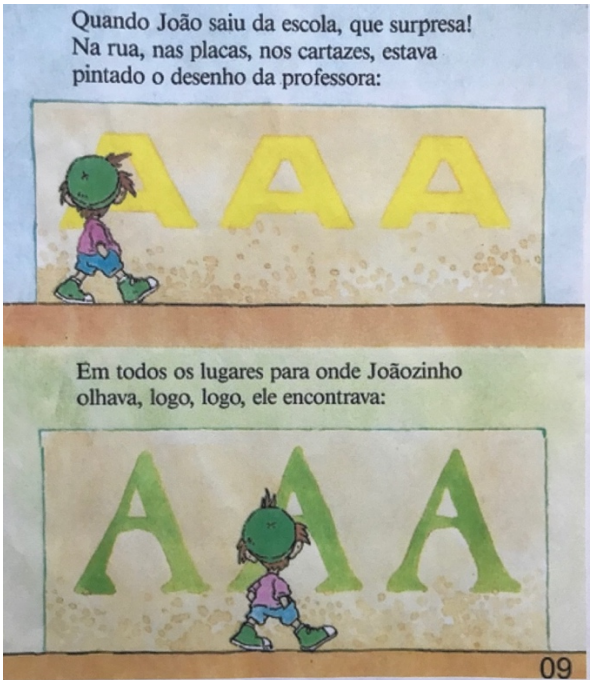
Em seu clássico *O menino que aprendeu a ver*, Ruth Rocha (1986) demonstra com muita doçura o desenvolvimento da noção de que uma letra é um desenho, mas um que tem formatações específicas para que, mesmo em diferentes estilos e feito por diferentes pessoas, tenha o mesmo significado. A história começa com uma observação bem recorrente: João observava que havia desenhos por toda a parte, mas não entendia que tinham significado.

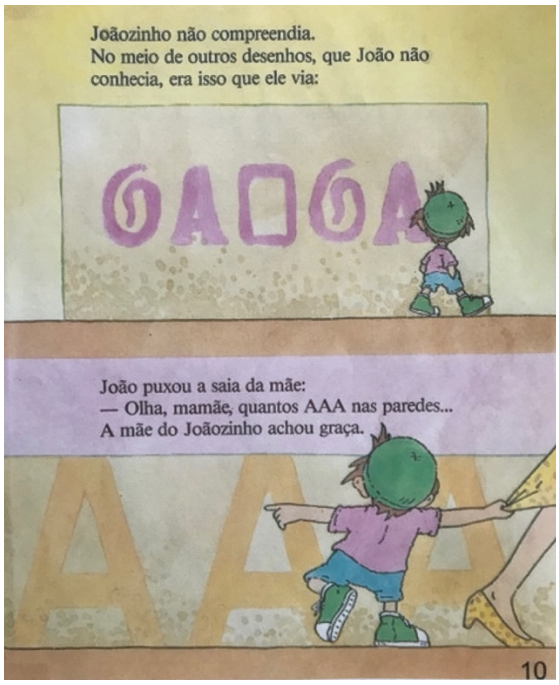


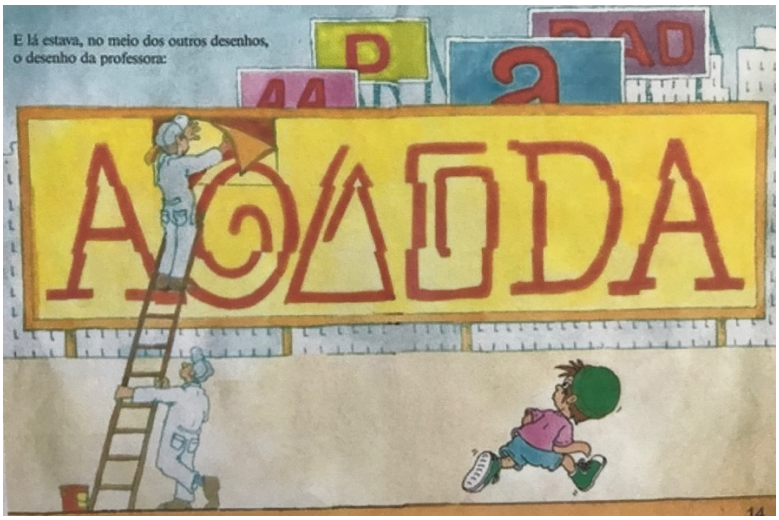
Até que a professora da escola começou a apresentar as letras:

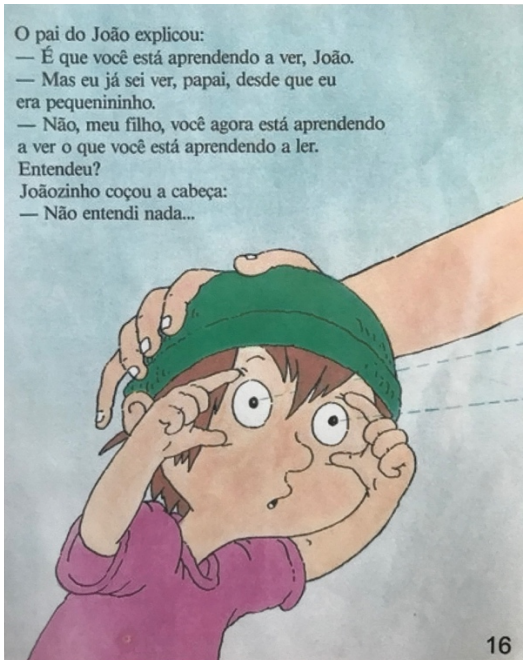


E aquele "desenho" que a professora tinha mostrado começava a aparecer em vários lugares.









O que poderia ter acontecido? A autora traduz esse processo dizendo que o menino estava aprendendo a ver, quer dizer, estava aprendendo a dar sentido àquilo que via e a decodificar.

No momento da história, João supera o chamado **período pré-silábico** – no qual o aprendiz passa a estabelecer uma relação entre a linguagem falada e as diferentes formas de representação – para o período silábico – aquele no qual o som da sílaba é codificado somente por uma letra.

Didática dos níveis pré-silábicos

No estágio pré-silábico a criança ainda não estabeleceu uma relação entre a linguagem falada e as diferentes formas de representação, acreditando que 'se escreve com desenhos' (tese da escrita figurativa).

A didática específica dos períodos pré-silábicos, sendo rica e variada, se pauta pela ausência de análises silábicas. As palavras são analisadas de outros pontos de vista que não o silábico. Entre eles, o número de letras, as letras iniciais ou finais, a ordem das letras, as letras iniciais e finais, a ordem das letras, o tamanho e posição da palavra, etc.

Se caracterizam pela caminhada em dois trilhos paralelos:
- de reconhecimento de que letras desempenham um papel na escrita
- de compreensão ampla da vinculacão do discurso oral com o texto escrito.

A didática dos níveis pré-silábicos visa
- que a criança distinga imagem de texto, letras de números, e
- que estabeleça as macrovinculações do que se pensa com o que se escreve, superando critérios característicos do pensamento intuitivo.

O aprendiz não começa a distinção das letras de forma isolada. Quer dizer, não acontece uma memorização direta da correspondência da letra ao seu som – essa aprendizagem é muito mais complexa e passa pelos meandros da sociabilidade e da afetividade.

Na realidade focam naquelas que fazem parte de seus contextos, especificamente nas iniciais de nomes de pessoas ou de palavras que lhe são muito significativas. Entre essas palavras figura normalmente o seu **próprio nome**.

É comum ouvir do aprendiz que essa ou outra é "sua letra"; quer dizer, a letra do seu nome (referindo-se à sua inicial). Na verdade, estão passando por um período em que pensam que essa letra é só sua – um reflexo de sua identidade. Ao descobrir que outras pessoas tem "suas letras" em seus nomes há um conflito importante – um que exige uma renúncia.

Associar letras a nomes que lhes são significativos é o primeiro passo no reconhecimento, tanto morfológico quanto sonoro, das letras. O conjunto de nomes aos quais normalmente cada aprendiz associa suas iniciais será mais significativo e mais pessoal.

Assim, é importante que o trabalho inicial com as letras vá além da correspondência com sons, mas sim que seja de ordem espacial, conduzindo os aprendizes à invariância da forma do símbolo. Quer dizer, eles precisam conseguir focar nas propriedades gerais do traçado, da proporção e da posição das letras nas palavras. De acordo, Grossi (2008) diz que

> O nível pré-silábico vive no paraíso do espaço (…) o som ainda não está associado às escritas. As atividades didáticas para ele têm que ser coerentes com seus esquemas de pensamento, ou para acolhê-los ou para propiciar-lhes ruptura. É, portanto, um momento favorável para a intensificação da aprendizagem do traçado de letras e números, a análise de suas formas e posições. Ele está centrado em aspectos ligados à forma, às dimensões, às cores, em suma, ao que é visível, prioritariamente (…) atividades que exploram e estão interessadas no âmbito espacial da escrita, portanto na associação entre imagens visuais, particularmente as figurativas e as escritas (p.103).

Nesse momento há uma profunda relação com a matemática e com os processos lógicos. Como vimos no texto anterior, os processos de identificação e reconhecimento das letras – chamados **processos mentais básicos** – são expressões da lógica que começa a ser desenvolvida.

Mas há também importância nesse período para a abordagem de números, que, como as letras, são símbolos arbitrários a serem decodificados. Diferente da letra, o número é um ideograma, isto é, representa em um símbolo uma ideia, sem a necessidade de ser articulado com outros para expressar um conceito. Portanto, aprender a distinguir, reconhecer e escrever números como entidades diferentes das letras é uma atividade enriquecedora no processo de alfabetização.

Outro aspecto importante dessa diferenciação é o fato de haver uma interação entre símbolos e estruturas (sejam elas morfológicas, sejam sintáticas) e portanto a necessidade de trabalhá-los em relação ao espaço da escrita (por exemplo, o papel), da sequência, da equivalência, etc. Para tal serão úteis as seguintes atividades:

- Escrever letras e números, diferenciando-os, inclusive;
- Contar objetos;

- Fazer relações entre parte e todo (por exemplo, quebra-cabeças, tangram);
- Fazer relações entre figura e fundo;
- Repetir padrões;
- Identificar e organizar a sequenciação de partes de uma história ou fato da vida;
- Trabalhar com contrastes.

Em suma, a didática dos níveis pré-silábicos visa que o aprendiz:

1. Conscientize-se sobre o próprio corpo;
2. Explore o espaço por meio do corpo investigador de forma cada vez mais consciente;
3. Se expresse no espaço com um corpo comunicador;
4. Distinga imagem de texto, letras de números;
5. Estabeleça as macrovinculações do que se pensa com o que se escreve, superando critérios característicos do pensamento intuitivo.

Questões para reflexão

Tendo em vista a descrição do período pré-silábico,

a. Podemos dizer que existe uma alfabetização matemática? E por extensão, uma musical?

O pré-requisito para passagem do pensamento pré-silábico para o **nível silábico** é a aquisição da estabilidade da escrita das palavras, quer dizer, quando a criança passa a constatar que uma palavra é sempre escrita com as mesmas letras e na mesma ordem. E essa conquista é realizada pela ação.

Este nível caracteriza-se pela compreensão de que a escrita é, de fato, uma representação da fala e utiliza uma letra para cada som (sílaba pronunciada). Divide-se em:

- sílaba sem valor sonoro: no qual a criança utiliza uma letra por sílaba, porém não faz relação com o som;

- sílaba com valor sonoro: a criança percebe que a escrita representa a fala e identifica o som das sílabas. Utiliza uma letra para cada vez que pronuncial uma sílaba, podendo ser tanto a vogal quanto a consoante.

Nesse nível o aprendiz tem a seguinte hipótese: a de que há correspondência quantitativa entre sílabas orais e letras escritas. Porém, é preciso que concilie a primeira com a hipótese da quantidade mínima de letras numa palavra, bem como que compreenda que leitura e escrita são dois ramos de um mesmo processo.

De acordo com Emília Ferreiro, educadora argentina de grande influência entre alfabetizadores brasileiros, uma vez que a criança aceita a letra como uma entidade diferente do desenho, linearidade e arbitrariedade são características centrais da representação escrita. Assim, Ferreiro (2011) diz que os aprendizes:

> começam a elaborar as condições de interpretabilidade, ou seja, para que uma escrita represente adequadamento algo, não basta que haja formas arbitrárias dispostas linearmente – faltam certas condições formais, de um caráter muito preciso: uma condição quantitativa e uma condição qualitativa. A quantitativa tem a ver com a quantidade minima (de letras); a condição qualitativa com o que temos chamado de variedade intrafigural ou variedade interna (…) Descobrem-se assim diferenciações quantitativas que têm a ver com limites mínimos e máximos de caracteres e diferenciações qualitativas que têm a ver com as formas das letras, com as diferenças de posição das letras e as combinações das mesmas. Para significados diferentes devem corresponder sequências diferentes, porém as diferenças qua se marcam são fundamentalmente semânticas e não diferenças sonoras (p. 85 – 86).

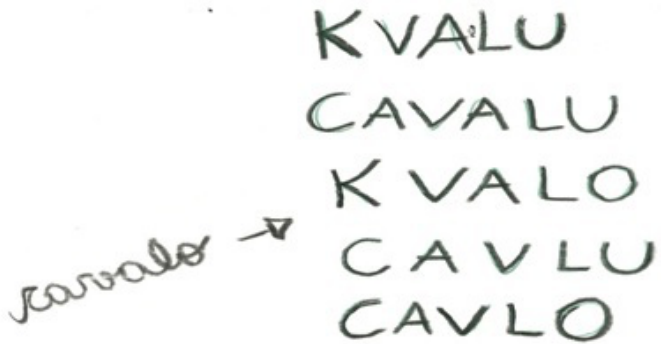
Dar se conta de que as palavras têm estabilidade em sua construção configura-se como a culminância do preparo para o nível silábico. Segundo Grossi (2010), tal culminância é alcançada por meio da experiência do reconhecimento da **escrita global** de algumas palavras, sendo portanto, indispensável que os aprendizes tenham razões para guardar na memória algumas palavras que os auxiliem na construção da ideia de estabilidade da escrita.

Grossi relembra porém que trata-se de um trabalho ativo e não só de uma amostragem. Quer dizer, é preciso que a criança aja sobre a escrita de muitas palavras significativas. Um dos exemplos disso é um trabalho amplo com o seu nome e os de pessoas próximas.

A partir do enfrentamento com a escrita individual das palavras, ela superará a fantasia de que a "sua letra" não é compartilhada com os nomes de outras pessoas. Ela descobrirá também que dois nomes iguais, apesar de pertencentes a duas pessoas diferentes, são escritos da mesma maneira.

Análises sonoras, tanto sobre iniciais quanto sobre letras em outras posições, serão uma boa maneira de introduzir a vinculação pronúncia-escrita. Aliás, é essa vinculação que constitui a hipótese primária do nível silábico: a de que sílabas orais têm correspondência com letras isoladas. De fato, o que define o nível silábico é a segmentação quantitativa das palavras em tantos sinais gráficos quantas são as vezes que a boca abre.

Dentre essas competências os aprendizes separam-se entre aqueles que conseguem juntar letras para formar palavras e aqueles que distinguem as formas e sons das letras.



Didática dos níveis silábicos

O pré-requisito para passagem do pensamento pré-silábico para o silábico é a aquisição da estabilidade da escrita das palavras, i.e., a constatação de que uma palavra é sempre escrita da mesma ordem. Conquista pela ação.

Interpreta a letra à sua maneira, atribuindo valor de sílaba a cada uma.

Hipótese desse nível: correspondência quantitativa entre sílabas orais e letras escritas e da sua conciliação com a hipótese da quantidade mínima de letras numa palavra, bem como a compreensão de que leitura e escrita são dois ramos de um mesmo processo.

Hipótese de Henry Wallon: identificação ou exclusão recíproca; amalgamação; fenômeno de ver a dualidade antes da unidade, i.e., ver a molécula antes de ver os átomos.

É interessante notar que nessa fase de conhecimento auditivo das letras, seu som e seu nome podem trazer conflitos ao aprendiz. Em seu livro *Didática dos Períodos Silábicos*, Grossi (2010) conta o exemplo de uma de suas pesquisadoras que relatou o seguinte diálogo:

> (Hélice se escreve) - É com E. Quando outro retrucou: Não, é com ele. Alguns momentos depois, ele mostrou à Vera a escrita: L C e lhe perguntou: "Aí está escrito hélice?" Vera revidou: "O que você pensa?". O aluno respondeu: "Eu estou com um problema. Eu penso que está escrito 'hélice', a´'. Mas, ao mesmo tempo, eu penso que esta palavra se escreve com três letras. Vera propôs continuar a refletir. "É, você está com um problema. Vai ter que pensar como resolve-lo". Ele voltou ara sua carteira e escreveu várias outras palavras todas com uma letra para cada sílaba oral e, cada vez, contava o número de letras. Isto o conduziu a

> reafirmar sua hipótese silábica e a render-se à conclusão de que 'hélice' tinha que ser escrita com três letras. Perguntou à Vera: "É se escreve com e?". Ao que Vera respondeu afirmativamente. Então, ele griptu ao colega alfabético: "É isso aí, hélice se escreve com e" (p. 21).

O lindo exemplo acima fala da importância de se permitir que o aprendiz escreva o máximo possível. Por mais que a hipótese de que cada sílaba é escrita por uma letra seja na verdade uma solução incompleta, escrever permite tomar posse dessa descoberta e, aos poucos, confrontar a incompletude de uma hipótese

Ao mesmo tempo que o foco nos períodos pré-silábicos repousa na forma das letras, no nível silábico o foco deve estar no conjunto pronúncia-escrita. Uma atividade que dá subsídios lógicos nesse sentido é a de identificar e reconhecer a primeira letra de uma palavra, ou o enfoque na primeira sílaba.

Em suma, a didática do nível silábico visa:

1. Conscientizar o aprendiz sobre a existência do símbolo como um objeto dimensional arbitrário, que representa um som específico observado na fala. Quer dizer, que há relação entre a escrita e a fala e que ela é independente do autor.
2. Demonstrar que o símbolo tem uma forma e um som específicos e independentes de seus nomes.

Para tal serão úteis atividades que contemplem os seguintes objetivos:

- Análise de palavras significativas, preferivelmente de uma sílaba, por meio das quais o aprendiz possa reconhecer a sonoridade das letras, incluindo a constância do som da consoante, independente da vogal que a acompanha;
- Análise de palavras contextualizadas, enfatisando a primeira letra da primeira sílaba;
- Identificação da primeira letra da primeira sílaba;
- Identificação da última letra da última sílaba;
- Divisão de sílabas e rimas para facilitar o reconhecimento de sua existência

Questões para reflexão

Em nosso encontro virtual, falamos sobre um processo de gramaticalização, algo que seria, possivelmente, maior do que o chamado letramento.

a. Seria essa uma ideia cabível no processo de alfabetização?
b. Se sim, o que deveria ser abordado nesse sentido, especificamente no Kindergarden?
c. Nos textos que lemos do autor Stanilas Dehaene (2009) o autor condena o método global. Por que?

Pode até parecer óbvia a próxima declaração, mas o que leva um aluno a abandonar a ideia de que uma letra corresponde ao som de uma sílaba sonora é a impossibilidade de ler silabicamente o que escreve e o que outros escrevem, tornando-a apto para o **período alfabético**.

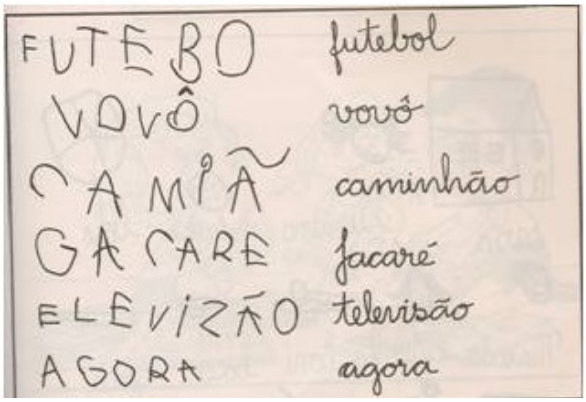
> "Num dado momento (…) tendo verificado a insuficiência de associar uma letra a cada sílaba pronunciada, (o aluno) vislumbra o princípio alfabético da escrita. O aluno amplia o seu campo de fonetização. Em vez de fonetizar cada palavra, preocupando-se com as sílabas orais como unidades linguisticas, ele inicia a fonetização de cada sílaba, percebendo-a normalmente constituída de mais de uma letra. Isso caracteriza um sistema alfabético de escrita" (Grossi, 2008b, p. 31)

Tendo em vista que todo o processo de apropriação da escrita é, de fato, um processo de construção, há, claro, um momento sincrético, onde o aprendiz pode escrever alguns sons alfabeticamente e outros ainda da maneira que caracteriza o nível anterior. Outra noção que não vem necessariamente de forma instantânea é a de que há sílabas com 3, 4, 5 letras, enquanto outras podem ter somente 1 letra. Como característica própria dos processos de aprendizagem, o aprendiz procurará sempre por regularidade e vai supor que todas as sílabas têm 2 letras.

Em um estudo no qual observou crianças de 5 – 7 anos, Figueiredo (2011) descreve que

> Para qualquer criança esta é a fase da escrita e leitura que mais a cativa ou repele seus entendimentos, pois a depender do modo com o qual é tratado esse estudo se transporta como uma barra entre o prazer em aprender e a obrigação autoritária. Neste instante, as crianças relacionam a fala a algumas particularidades da escrita como as sílabas, iniciando uma leitura decodificada de seu referido repertório da escrita, pois com base em sílabas simples como BA, PE, CO e outras elas começam a transformar seu entendimento unitário das letras. Sua escrita busca-se ser mais definida e interessante, pois a criança percebe que a junção de algumas letras tem a sonoridade relativa à sua fala, a qual se estabelece com mais firmeza e variedade (s/ pág).

Professores relatam também grandes dificuldades na separação de sílabas (e, consequentemente, de palavras) – aspecto que mais cedo ou mais tarde será uma questão. É aqui que se faz mais do que essencial um trabalho que vise o desenvolvimento da **consciência fonológica**, uma habilidade metalinguística que visa um conscientização cada vez mais especializada das partes internas das palavras, nomeadamente a sílaba e o fonema.



A partir de pesquisas realizadas na Argentina com crianças de diferentes classes sociais, Ferreiro (2011) sugere que

> a hipótese silábica na escrita não aparece como uma aplicação direta da possibilidade de recorte silábico em nível oral; que não é porque a criança sabe recortar muito bem em nível oral as sílabas que imediatamente pode aplicar esse 'saber fazer' oral à escrita. Pelo contrário, estes dados parecem sugerir que esse 'saber fazer' em nível oral deve ser reelaborado, que é preciso redescobrir a utilidade da sílaba para resolver um problema da escrita, para saber qual é o valor das partes de um todo em processo de construção. Essa sequência é uma 'reconstrução hipotética' porque nenhum sujeito, em todas as situações, apresenta somente um tipo de conduta (p. 93 – 94).

O aprendiz começa a se deparar também com conflitos em relação a arbitrariedade e inconstância da própria **ortografia**. Quer dizer, ele começa a entender que a identificação do som não é garantia da identificação da letra

Além disso, no nível alfabético a criança passa a ter mais autonomia para reproduzir sua fala e suas próprias ideias em forma de escrita com mais clareza. No intuito de desenvolver a habilidade de escrever um texto com estruturas básicas, podemos sugerir aos alunos algumas atividades tais quais: a leitura e produção de diversos tipos de texto, como bulas de remédios, receitas, jornais, revistas, explicar a diferença e a importância de cada um.

Grossi (2016) relembra porém que,

> Entrar no nível alfabético não significa ainda estar alfabetizado. Um aluno alfabético não sabe escrever corretamente, nem do ponto de vista ortográfico nem do ponto de vista léxico. No nível alfabético, o aluno ouve a pronúncia de cada sílaba e procura colocar letras que lhe correspondam. Neste nível é absolutamente legítimo escrever "qopo" ou "xinelo" ou "cazihna".No nível alfabético, o aluno está centrado na escrita das sílabas. Sua grande descoberta é que a cada sílaba oral não corresponde só uma letra. Aliás, ele pensa que a cada sílaba oral correspondem duas letras. E, mais, uma consoante e uma vogal, sempre nesta ordem. Um alfabético escreve " ramaze" para armazém. A criança generaliza que todas sílabas são constituídas por duas letras, na sequência

> qualitativa de uma consoante seguida de uma vogal (…) Para que ele se torne alfabetizado, precisa superar a leitura e a escrita compartimentada em sílabas para voltar a ver a palavra como um todo, como ele fazia no nível pré-silábico 2, de forma muito diferente e mais primitiva. Entretanto, certamente a leitura e escrita globais do nível pré-silábico 2 são um prenúncio e uma preparação do que terá de ocorrer mais tarde, para que alguém passe a sentir-se alfabetizado. E daí, a importância do acolhimento das hipóteses que configuram o nível PS2, que se caracteriza na oportunização de que os alunos memorizam palavras e texto globalmente com base nos seus significados (s/pág).

Questões para reflexão

No encontro anterior falamos sobre a consciência fonológica, seus níveis, possíveis atividades e sua implicação no sucesso da alfabetização. Falamos também sobre sua aplicabilidade cultural, especialmente tendo em vista a importância de apresentar elementos culturais autênticos e responsivos.

a. Que habilidades estão envolvidas nessa perspectiva metalinguística?

Para pensarmos juntas

É importantíssimo notar que os níveis aqui representados não representam momentos distintos da alfabetização. Pelo contrário, devem ser operacionalizados simultaneamente, atendendo à benéfica heterogeneidade dos alunos presentes num mesmo grupo.

Emília Ferreiro fala inclusive que a psicogênese da alfabetização, trajetória que se caracteriza por uma sequência de níveis de concepção sobre leitura e escrita (Grossi, 2008, p.51), pode ser analisada como um processo de construção, não somente uma aprendizagem. De acordo, Ferreiro (2015) diz que

> Quando procuramos compreender o desenvolvimento da leitura e escrita, do ponto de vista dos processos de apropriação de um objeto socialmente constituído (e do ponto de vista da aquisição de uma técnica de transcrição), buscamos ver se havia modos de organização relativamente estáveis que se sucediam em certa ordem. Agora sabemos que há uma série de modos de representação que procedem a representação alfabética da linguagem; sabemos que esses modos de representação pré-alfabéticos se sucedem em certa ordem. Agora sabemos que há uma série de modos de representação alheios a qualquer busca de correspondência entre a pauta sonora de uma emissão e a escrita; depois, modos de representação silábicos (com ou sem valor sonoro convencional) e modos de representação silábico-alfabéticos que precede regularmente a aparição da escrita regida pelos princípios alfabéticos (…) Nossa tarefa foi (e ainda é) a de compreender a 'lógica interna' desses modos de organização, bem como a de

> compreender as razões da substituição de um modo de organização por outro, isto é, os processos de construção do conhecimento neste campo específico" (Ferreiro, p. 10)

Como você se posiciona nesse sentido? De que maneira pode posicionar-se como educadora de PLH em meio a esse processo tão fantástico?

Referências

Dehaene, S. (2009). Os neurônios da leitura: como a ciência explica nossa capacidade de ler. Porto Alegre: Pensa.

Figueiredo, J. (2011). Psicogênese da linguagem oral e os níveis didáticos de escrita na educação infantil. V Colóquio Internacional: Educação 3 Contemporaneidade. São Cristovão, Sergipe.

Freire, P. (2009). A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 49ª ed. São Paulo: Cortez.

Grossi, E. P. (2016). A teoria na prática. Prezi. Disponível em: https://prezi.com/r61toy7eifie/a-teoria-na-pratica-esther-pillar-grossi/

_____(2010). Didática dos níveis silábicos. 10a ed. São Paulo: Paz e Terra.

_____(2008). Didática dos níveis pré-silábicos, 10a ed. São Paulo: Paz e Terra.

_____(2008b). Didática dos níveis alfabéticos, 9a ed. São Paulo: Paz e Terra.

Jennings-Winterle, F. & Fincatti, P. (2015). Aprender a ler dentro da palavra: o meio pelo qual os brasileirinhos lerão o mundo. In F. Jennings-Winterle & M. C. Lima-Hernandes (Orgs). Português como língua de herança: a filosofia do começo, meio e fim. Brasil em Mente: Nova Iorque.

Rocha, R. (1986). O menino que aprendeu a ver. São Paulo: Ática.

Stokoe, P. (1970). La expression corporal y el niño. Buenos Ayres: Ricordi.